

## DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FUNDADOR RENATO CÉSAR JARDIM COMO PRESIDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DA MAGISTRATURA MINEIRA

20 de agosto de 2026

Senhoras e Senhores,

Investindo-me no cargo de presidente da Academia de Letras da Magistratura Mineira, pela consagração dos confrades fundadores, que confiaram em mim para conduzir, pela primeira vez, uma instituição que nasce de um sonho ansiado, constato que a chama não mais bruxuleia. Ao contrário, irradia intenso fulgor. Agradeço a escolha e afirmo meu empenho para corresponder à confiança em mim depositada.

Sonho realizado é sonho que se tinha. Assim o foi quando a Amagis lançou a Revista de Arte e Cultura dos Magistrados Mineiros, a nossa Magiscultura, com a finalidade de revelar o lado humanístico e cultural dos magistrados fora dos processos judiciais. Magiscultura é hoje reconhecida como uma das publicações mais prestigiadas do gênero no país. Foi ela a crisálida da ALM. Diga-se, desde já, que tanto Magiscultura quanto a Academia são patrimônios dos magistrados mineiros.

Parafraseando Joaquim Nabuco, no discurso de posse da Academia Brasileira de Letras, no cargo de Secretário, muitos poderão nos acusar de nos termos escolhido a nós mesmos, de nos termos feitos imortais. Mas como isso poderia ser evitado? Nenhum de nós escolheu o seu próprio nome. Todos fomos chamados e chamamos a quem nos chamou. E continuaremos a chamar.

Agora que a crisálida completa a metamorfose, novos voos se nos apresentam.

O esforço que nos moverá será centrado no empenho coletivo de guardar a palavra, a poesia e a prosa, em sermos o refúgio e a voz que transformam a dor e a alegria em páginas vivas, na abertura de portas ao diálogo com os magistrados mineiros e com a sociedade. O necessário encorajamento da leitura e da escrita cultas, numa sociedade desmotivada em conhecer as obras clássicas pela concorrência dos estímulos digitais rápidos, é medida impositiva para se afastar o crescente analfabetismo funcional que impede a compreensão e a interpretação, mesmo para aqueles que sabem ler e escrever. A leitura leva o indivíduo a adquirir maior repertório, expande horizontes cognitivos. A mente humana exige superação a essa barreira cognitiva, o esforço intelectual.

Traduzindo valores essenciais para guiar os seus objetivos, a Academia de Letras da Magistratura Mineira adotou como lema a expressão latina “mens agitat molem”, que traduzida significa “a mente move a matéria”, expressão originária do poema épico “Eneida”, escrito pelo poeta romano Virgílio. A inteligência, a vontade e as ideias têm o poder de transformar a realidade e guiar as ações. O poder de retirar o silêncio da folha em branco.

O direito, a atividade judicante e a literatura se aproximam em seus vínculos. O escritor não consegue ser indiferente à realidade. A vida é a matéria prima do artista. A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, porque através de sua escrita o autor transmite seus sentimentos e ideias do mundo. Leva o leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posições perante a realidade. A literatura tem o poder de transformar a vida das pessoas. O direito também repercute na vida dos indivíduos, regula a convivência em sociedade. Os seus operadores lidam com enredos complexos de vida. E o juiz não pode ficar indiferente à realidade que o cerca, até porque o direito não é estático mas, ao contrário, dinâmico. Acompanha as mudanças sociais, criando precedentes que podem levar o legislador a alterar uma lei, com o escopo de adequá-la às oscilações sociais. Shelley, o festejado escritor inglês, disse que os poetas são os legisladores do mundo, não reconhecidos. O professor gaúcho Germano Schwartz propôs um acréscimo e inversão ao dizer que o legislador e os juízes são os poetas do mundo. O contato com a cultura e a literatura aguça a sensibilidade de quem decide. Antônio Cândido dizia que a literatura humaniza. A Academia de Letras da Magistratura Mineira tem por propósito maior congregar os magistrados mineiros, levá-los ao mundo da poesia, da prosa, da arte e da cultura, numa nova descoberta a cada dia. Osvald de Andrade acertou quando afirmou: “escrever poesia é descobrir coisas que nunca se viu antes”. E Freud, o médico da alma, vaticinou: “aonde quer que eu vá, eu descubro que um poeta esteve lá antes de mim”. Que grande poder! Em verdade, a literatura é a expressão máxima de toda a cultura.

Coube a mim, não por mim, a cadeira número um, a do patrono da Academia de Letras da Magistratura Mineira, o célebre poeta, ativista político e magistrado, Tomás António Gonzaga, referência consagrada da história do Brasil e, notadamente, de Minas Gerais, também conhecido pelo pseudônimo árcade de Dirceu. Tomás Gonzaga participou efetivamente da Inconfidência Mineira, movimento pela Independência de Minas Gerais, precursor da separação do Brasil de Portugal. Foi o autor das célebres Cartas Chilenas, poemas satíricos que circulavam anonimamente em Vila Rica através de manuscritos, até pouco antes da Inconfidência, e que denunciavam a corrupção e a tirania do então governador Luís da Cunha Meneses. Considerado o mais proeminente poeta árcade, tem até hoje sua obra “Marília de Dirceu” estudada em escolas e universidades. Atuou como respeitado magistrado da Coroa Portuguesa, exercendo seus misteres na comarca de Vila Rica e em Beja, Portugal. É patrono da cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras. Trata-se de um nome de enorme prestígio e profundidade

intelectual. Tenho a honra de tê-lo como patrono da cadeira a mim conferida, a primeva da Academia. Doravante, a Academia de Letras da Magistratura Mineira passa a denominar-se “Casa de Tomás Gonzaga”.

Para que a chama não fraqueje é imperioso que a Academia perdure. Plantamos uma semente e a cultivaremos para a preservação da língua nacional, da memória cultural do país e da magistratura, dos grandes nomes da literatura. O idioma é pátria e lugar de afeto, diz Caetano Veloso na canção “Língua”, onde compara a língua portuguesa a uma “lusa taba”, ao mesmo tempo em que exalta poetas brasileiros e lusitanos e os sons das ruas. “Flor do lácio sambódromo, lusamérica, latim em pó, o que quer, o que pode ser esta língua? A língua é minha pátria, e eu não tenho pátria, tenho mátria e quero fáttria.” Mais do que nunca, precisamos de fáttria. A língua pode tudo, ou quase tudo, já que não tem o condão de modificar o passado, o preconceito que não mais se desfaz, os fatos históricos deploráveis como a escravidão. Pode, no entanto, moldar uma nova visão de mundo, por meio da educação, eliminar o preconceito enraizado na cultura.

Agradeço ao Desembargador Kildare Gonçalves Carvalho, pelas palavras em nome de todos os Acadêmicos Fundadores e pela outorga a mim concedida.

Agradeço àqueles que plantaram a semente da Academia de Letras da Magistratura Mineira, em especial ao Desembargador Nelson Missias de Moraes. Agradeço aos que fizeram a Academia germinar, em especial à presidente da Amagis, juíza Rosimere das Graças Couto. Registro que todos os presidentes da Amagis, por norma estatutária, serão considerados Presidentes de Honra, a partir da data em que, pessoalmente, comparecerem à Academia. Agradeço o empenho do gerente de comunicação da Amagis, Bruno Gontijo, pela organização dos trâmites necessários ao início da ALM. Agradeço aos meus pais pela oportunidade de vivenciar este momento.

Agradeço a presença de todos.

Agora é recolher a âncora e navegar no mar aberto onde antes havia o nada. Sonho realizado é sonho que se tinha. Partimos agora para novos sonhos.

“Ad immortalitatem”.

Muito obrigado